



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
FACULDADE DE NUTRIÇÃO

ELAINE CRISTINA SOUZA BONITO

**A IMPORTÂNCIA DO ALEITAMENTO MATERNO EXCLUSIVO
E O CONTEXTO PANDÊMICO DA COVID-19: REVISÃO DE
LITERATURA**

BELÉM

2022

ELAINE CRISTINA SOUZA BONITO

**A IMPORTÂNCIA DO ALEITAMENTO MATERNO EXCLUSIVO
E O CONTEXTO PANDÊMICO DA COVID-19: REVISÃO DE
LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a
Faculdade de Nutrição da Universidade
Federal do Pará para obtenção do grau de
Bacharel em Nutrição.

ORIENTADORA: Prof. Dra. Luísa Margareth
Carneiro da Silva

BELÉM

2022

Elaine Cristina Souza Bonito

**A IMPORTÂNCIA DO ALEITAMENTO MATERNO EXCLUSIVO
E O CONTEXTO PANDÊMICO DA COVID-19: REVISÃO DE
LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Nutrição da Universidade Federal do Pará para obtenção do grau de Bacharel em Nutrição.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dra. Luísa Margareth Carneiro da Silva

(Origem – Orientador)

Dra Naíza Nayla Bandeira de Sá

(Origem – Membro)

Alódia Brasil Costa

(Origem – Membro)

*A Deus, aos meus pais Márcia Cristina
Souza Bonito e João Edson Bonito dos
Reis e aos meus avós.*

Dedico!

AGRADECIMENTOS

A Deus e ao meu anjo, Rosa Maria, por iluminarem meus caminhos durante esse ciclo.

Aos meus pais, Márcia Cristina Souza Bonito e João Edson Bonito dos Reis, por todo amor, incentivo e apoio que foram necessários durante minha graduação.

À minha orientadora, Prof. Dra. Luísa Margareth Carneiro da Silva que colaborou por meio de seus ensinamentos para o desenvolvimento deste trabalho.

À Universidade Federal do Pará, por me apresentar um mundo de experiências novas e únicas durante a graduação.

A todos os docentes do curso de Nutrição, pois mediante seus conhecimentos e dedicação puderam instruir os discentes para pensarem de forma crítica.

Aos amigos que conheci durante essa trajetória na qual foram essenciais no decorrer do curso, pois vivenciaram e vibraram junto a mim a cada etapa vencida.

Por fim, sou grata a todas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente, de alguma forma, para a realização desse trabalho de conclusão de curso.

“O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis”.

Fernando Antônio Nogueira Pessoa

RESUMO

Introdução: O leite materno é o alimento natural mais completo e essencial para o lactente, pois, contém nutrientes benéficos para atender as necessidades metabólicas do recém-nascido em seus primeiros meses de vida. É de grande importância para a saúde da mulher, sua família e para sociedade. No entanto, em meio ao cenário pandêmico do coronavírus são necessárias práticas adequadas para o manejo correto do leite ofertado ao bebê, com intuito de garantir a segurança durante a mamada e prolongar o aleitamento, visto que, os índices de prevalência do aleitamento no Brasil, ainda estão bastante inferiores ao recomendado. **Objetivo:** Identificar a importância do aleitamento materno exclusivo e as recomendações e desafios no contexto pandêmico da COVID-19. **Métodos:** Estudo de revisão bibliográfica integrativa, explanatória, com abordagem qualitativa dos dados a partir da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS)/ BIREME, com o auxílio das bases de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Sistema Online de Busca e Análise de Literatura Médica (MEDLINE). **Resultados:** Foram encontrados 59 artigos e após seleção pelos critérios de inclusão e exclusão, 16 artigos compuseram essa revisão. Para análise dos mesmos, realizou-se a montagem dos quadros com as principais informações a partir dos seguintes descritores: “Aleitamento Materno Exclusivo”, 06 (seis) artigos; “Componentes do leite materno e a importância para a saúde do bebê”, 03 (três) artigos 02 (dois) para “Importância da amamentação para a mãe”, 02 (dois) artigos e “Vantagens do aleitamento materno e pandemia COVID- 19” com 05 (cinco) artigos. **Conclusão:** Mesmo com todas as evidências sobre a importância da amamentação é necessário aumentar a divulgação de informações, visando crescimento dos índices de aleitamento materno no Brasil, e proporcionar mais segurança para as mães na hora de amamentar, visto que, no contexto pandêmico da COVID-19, surgiram muitas incertezas. Porém, é indicado dar prosseguimento na prática da amamentação a partir das medidas de biossegurança, pois os benefícios do leite materno superam os riscos advindos da infecção pelo novo vírus.

Palavras-chave: Aleitamento materno exclusivo. Pandemia Covid-19. Saúde materno-infantil.

ABSTRACT

Introduction: Breast milk is the most complete and essential natural food for infants, as it contains beneficial nutrients to meet the newborn's metabolic needs in their first months of life. It is of great importance for the health of women, their families and society. However, in the midst of the SARS-CoV-2 virus pandemic scenario, proper practices are needed for the correct management of the milk offered to the baby, in order to ensure safety during breastfeeding and to prolong breastfeeding, since the prevalence rates of breastfeeding in Brazil are still much lower than recommended. **Objective:** To identify the importance of exclusive breastfeeding and the recommendations and challenges in the COVID-19 pandemic context. **Methods:** Integrative, explanatory bibliographic review study, with a qualitative approach to data from the Virtual Health Library (BVS)/BIREME, with the aid of the Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences (LILACS), Scientific databases Electronic Library Online (SciELO) and Online Medical Literature Search and Analysis System (MEDLINE). **Results:** 59 articles were found and after selection by inclusion and exclusion criteria, 16 articles composed this review. For the analysis, tables were assembled with the main information from the descriptors: "Exclusive Breastfeeding", 06 (six) articles; "Components of the breast milk and the importance for the baby's health", 03 (three) articles; "Importance of breastfeeding for the mother", 02 (two) articles and "Advantages of breastfeeding and the COVID-19 pandemic" 05 (five) articles. **Conclusion:** With all the evidence of the importance of breastfeeding, it is necessary to increase the dissemination of information, aiming at increasing breastfeeding rates in Brazil, and providing more security for mothers when breastfeeding, since, in the pandemic context of COVID -19, many uncertainties have arisen. However, it is indicated to continue the practice of breastfeeding based on biosecurity of materno Milk outweigh the benefits arising from infection by the new virus

Keywords: Exclusive breastfeeding. Covid-19 pandemic. Maternal and child health.

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

AME	Aleitamento Materno Exclusivo
AM	Aleitamento Materno
AMT	Aleitamento Materno Total
MS	Ministério da Saúde
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PNIAM	Programa Nacional de Incentivo ao Aleitamento Materno
PNAM	Política Nacional de Aleitamento Materno
IHAC	Iniciativa Hospital Amigo da Criança
NBCAL	Norma Brasileira de Comercialização de Alimentos para Lactentes
IPPAM/Capitais e DF	Pesquisa de Prevalência de Aleitamento Materno nas Capitais Brasileiras e Distrito Federal
SARG	Síndrome Respiratória Aguda Grave
UTIN	Unidade de Terapia Intensiva Neonatal
SBP	Sociedade Brasileira de Pediatria
RNs	Recém- Nascidos
RBLH	Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano
IMIP	Instituto de Medicina Integrada Professor Fernando Figueira
IS-SP	Instituto de Saúde de São Paulo
Abenfo	Associação Brasileira de Obstetrizes e Enfermeiros Obstetras
Ibfan	Rede Internacional em Defesa do Direito de Amamentar/Internacional Baby Food Acon Network
SUS	Sistema Único de Saúde
ESF	Estratégia Saúde da Família
PNDS	Pesquisas Nacionais de Demografia em Saúde
INCA	Instituto Nacional de Câncer
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Benefícios do Aleitamento materno para a criança.....	18
Quadro 2: Vantagens da amamentação à saúde da mulher.....	21
Quadro 3: Medidas recomendadas durante a pandemia do COVID-19.....	24
Quadro 4: Artigos selecionados sobre “Aleitamento Materno Exclusivo”.....	29
Quadro 5: Apresentação dos artigos sobre “Componentes do leite materno e a importância para a saúde do bebê”.....	31
Quadro 6: Artigos detalhados sobre “Amamentação e saúde da mulher”.....	32
Quadro 7: Artigos sobre “Vantagens do aleitamento materno e pandemia COVID-19”.....	33

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 OBJETIVOS.....	14
2.1 Objetivo Geral.....	14
2.2 Objetivos Específicos.....	14
3 REFERÊNCIAL TEÓRICO.....	15
3.1 A importância do aleitamento materno exclusivo.....	15
3.2 Componentes do leite materno e a importância para a saúde da criança.....	18
3.3 Amamentação e saúde da mulher.....	20
3.4 Recomendações sobre o aleitamento durante a pandemia da COVID-19.....	22
4 MATERIAIS E MÉTODOS.....	26
4.1 Tipo de estudo.....	26
4.2 Período de estudo.....	26
4.3 Meios de Pesquisa.....	26
4.4 Coleta e Análise de dados.....	26
5 RESULTADOS.....	28
6 DISCUSSÃO.....	35
6.1 Aleitamento Materno Exclusivo.....	35
6.2 Componentes do leite materno e a importância para a saúde do bebê.....	39
6.3 Amamentação e saúde da mulher.....	41
6.4 Recomendações do aleitamento materno e pandemia COVID- 19.....	44
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS	50

1 INTRODUÇÃO

O leite materno é o alimento natural mais completo e essencial para o lactente, pois, contém nutrientes benéficos para atender as necessidades metabólicas do recém-nascido em seus primeiros meses de vida devido sua ação imunológica, nutricional e biopsicossocial. Dessa forma, suas propriedades são ideais para induzir um crescimento e desenvolvimento adequado nessa faixa etária prevenindo várias doenças, evita mortes infantis, diarreias, infecções respiratórias, diminui o risco de alergias, além de proporcionar maturação na fase da adolescência e no decorrer da sua vida e reduz chances de obesidade, hipertensão, colesterol alto e diabetes na fase adulta (CALDAS, 2021).

Existem estudos que demonstram a importância da amamentação para a saúde da mulher diminuindo os riscos de câncer de mama ou ovário, doenças cardiovasculares, facilitando a perda de peso e volta à forma física anterior mais rapidamente, promove diminuição do sangramento e risco de anemia. Há também o aumento da interação afetiva do binômio mãe e bebê e em relação aos aspectos econômicos, compreende-se como um fator positivo para a família, pois proporciona diminuição de gastos financeiros (MENEZES, 2018).

Apesar de se conhecer a importância do aleitamento materno, destaca-se que os índices de sua prevalência no Brasil, principalmente em relação à amamentação exclusiva, estão bastante inferiores as recomendações. Além disso, deve-se ter atenção especial durante o atual contexto pandêmico do coronavírus, pois, necessita-se de informações confiáveis, adaptações para o momento da amamentação e a necessidade de profissionais preparados para prestar assistência eficaz, solidária, integral e contextualizada que respeite o saber e a história de vida de cada mulher, e que a ajude a superar medos, dificuldades e inseguranças (SILVA, 2021)

Com isso, o objetivo desse trabalho foi demonstrar por meio de revisão bibliográfica, a importância do aleitamento materno para a saúde do binômio mãe e bebê, divulgando a partir de evidências científicas, seus benefícios e impactos para ambos, para a família e para a sociedade em geral. Assim como, apresentar estatísticas dos índices de aleitamento no Brasil, nas principais regiões do país e os desafios de promoção do incentivo ao aleitamento materno.

Além disso, demonstrar de que forma está sendo realizada a prática da amamentação durante a pandemia da COVID-19, apresentando, para isso, as recomendações dos principais órgãos, como o Ministério da Saúde (MS) e a Organização das Nações Unidas (ONU) para enfrentar da melhor maneira as novas dificuldades que esse cenário pandêmico desencadeou.

2 OBJETIVO

2.1 Objetivo geral

Identificar na literatura científica evidências quanto à importância do aleitamento materno exclusivo e as recomendações e desafios no contexto pandêmico da COVID-19.

2.2 Objetivos específicos

- ✓ Verificar na literatura científica fatos sobre a importância do aleitamento materno exclusivo.
- ✓ Demonstrar os componentes do leite materno e a importância para a saúde do bebê.
- ✓ Apresentar vantagens do aleitamento materno para a saúde da mulher.
- ✓ Apresentar evidências e recomendações sobre o aleitamento materno durante a pandemia da COVID-19.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 A IMPORTÂNCIA DO ALEITAMENTO MATERNO EXCLUSIVO

A Organização Mundial da Saúde (OMS) estabeleceu definições de Aleitamento Materno (AM) e o Ministério da Saúde (MS) admitiu em suas diretrizes essas classificações, sendo assim, é definido como Aleitamento Materno Exclusivo (AME) quando a criança recebe somente leite materno direto da mama ou ordenhado, ou leite humano de outra fonte, sem outros líquidos ou sólidos, com exceção de gotas ou xaropes contendo vitaminas, sais de reidratação oral, suplementos minerais ou medicamentos (BRASIL, 2017).

É recomendada a oferta exclusiva já na primeira hora de vida e durante os primeiros seis meses, sendo que nenhum outro tipo de alimento necessita ser dado ao bebê enquanto estiver em amamentação exclusiva, pois, pode ser prejudicial, aumentando o risco de doenças e prejudicando na absorção de nutrientes importantes existentes no leite materno, como o ferro e o zinco. Somente a partir dos seis meses de vida é que se deve complementar com alimentação adequada e continuar o Aleitamento Materno Total no período até os dois anos ou mais. (BRASIL, 2019).

O leite materno é o alimento ideal para crianças, pois é totalmente adaptado às suas necessidades nos primeiros anos de vida. É inigualável, porque, não existe outro leite nem parecido ou mais adequado. Ele é produzido naturalmente pelo corpo da mulher, contém anticorpos e outras substâncias que protegem a criança de infecções comuns enquanto ela estiver sendo amamentada. Os dois primeiros anos de vida são os mais decisivos para o crescimento e desenvolvimento da criança, com repercussões ao longo de toda a vida do indivíduo, inclusive prevenindo o aparecimento de várias doenças na vida adulta (BRASIL, 2019).

É durante os primeiros meses de vida que o bebê possui maior vulnerabilidade às infecções e alergias, pois seu sistema imunológico ainda é imaturo e apresenta alta permeabilidade intestinal. Por isso, torna-se comum desenvolver sinusite, eczema crônico, asma, dermatite atópica, entre outros. Nisso, o leite materno se apresenta como fator de proteção. Na literatura, é descrito que há 65% mais chances de uma criança que não mamou até seis meses de vida adquirir uma doença alérgica (NASCIMENTO, 2018).

Outros benefícios destacados por Marques (2020) é que através da amamentação a criança desenvolve vários estímulos e sentimentos de segurança, proteção e bem estar, que são fundamentais para um desenvolvimento mental e psíquico saudáveis. Esse bem estar físico é estabelecido a partir do contato com a pele do seio materno, na qual exerce um impacto positivo no emocional da criança, deixando-a mais calma e tranquila. Além disso, esse contato pele a pele proporciona a regulação e manutenção da temperatura corporal do recém-nascido, estabilidade cardiorrespiratória e melhor efetividade da primeira mamada.

Costa (2018) afirma que o leite materno é um alimento completo, de fácil digestão e que protege contra o risco de desenvolver doenças respiratórias, infecções, diarreias, reduz o risco de doenças crônicas como diabete de mellitus, celíaca, autoimune, alergia alimentar, entre outras, sendo importante não só para o bebê, mas também para a nutriz, família e a sociedade. E o aleitamento materno exclusivo nos primeiros 6 meses de vida do bebê também está relacionado ao desenvolvimento das estruturas físicas orais, como lábios, língua, bochechas, palato duro e mole, responsáveis pelo funcionamento adequado da respiração, sucção, mastigação, deglutição e fonoarticulação, além de propiciar o padrão de respiração nasal (MARQUES, 2020).

De acordo com o Guia Alimentar para crianças até 2 anos de idade a importância da amamentação ocorre também no âmbito econômico, destacando que é mais barato amamentar a partir do leite materno do que com outros tipos leites, já que não exige tempo para preparo, gastos com água e gás. Nisso evita-se comprometer parte do orçamento familiar e excesso de gastos extras (BRASIL, 2019).

Outro destaque do Guia Alimentar é em relação aos benefícios sociais, visto que Crianças amamentadas adoecem menos e tem menos chance de desenvolver algumas doenças no futuro, gerando menos gastos à família e ao sistema de saúde. Além disso as crianças amamentadas têm maiores chances de alcançar o seu potencial máximo de inteligência, resultando em adultos com maior capacidade para o trabalho, contribuindo assim, para o desenvolvimento do país (BRASIL, 2019).

Nesse contexto de inúmeros benefícios, a prática da amamentação também constitui um papel de intervenção com grande potencial na redução da mortalidade infantil. Destaca-se que, em níveis ideais era possível prevenir mais de 820.000 mortes

por ano no mundo em crianças menores de cinco anos. Por isso, a importância de se promover o AME e orientar as mães e a família sobre seus benefícios (BOCCOLINI, 2017).

No Brasil, nos últimos 30 anos promoveram-se ações para proteção, promoção e apoio a amamentação, dentre elas: o Programa Nacional de Incentivo ao Aleitamento Materno (PNIAM), a Política Nacional de Aleitamento Materno (PNAM) por meio do Incentivo ao Aleitamento Materno na Atenção Básica - Rede Amamenta Brasil; Iniciativa Hospital Amigo da Criança (IHAC) e Método Canguru na atenção hospitalar; Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano; Proteção legal através da Norma Brasileira de Comercialização de Alimentos para Lactentes (NBCAL); implantação da Iniciativa Unidade Básica Amiga da Amamentação (MARQUES, 2020).

Importante frisar que todo esse tipo de apoio deve ocorrer durante o período do pré-natal para que as gestantes já sejam orientadas sobre os benefícios do AME como também no pós-parto esclarecendo para a puérpera em relação à técnica correta de amamentar, o jeito correto da pega, entre outros (LUSTOSA, 2020).

Entretanto, apesar de se conhecer todos os benefícios e existirem políticas direcionadas ao assunto, os números de pesquisas demonstram que a prática do aleitamento ainda não atende as recomendações e parâmetros da Organização Mundial da Saúde (OMS) de amamentação até o final do segundo ano de vida ou mais e AME até o sexto mês de vida. Nota-se que em comparação a pesquisas realizadas anteriormente, como a Pesquisa de Prevalência de Aleitamento Materno nas Capitais Brasileiras e Distrito Federal (IPPAM/Capitais e DF) que mostrou a duração mediana do AME realizado em torno de até 54,1 dias (1,8 meses) e a duração mediana do AM de 341,6 dias (11,2 meses) no conjunto das capitais brasileiras e DF (NASCIMENTO, 2018).

Portanto, nota-se que a prática do aleitamento não é mais habitual nos dias de hoje como foi antigamente. Esse é um hábito que depende de fatores históricos, biopsicossocial da puérpera e do compromisso e conhecimento técnico científico dos profissionais da saúde envolvidos na promoção, incentivo e apoio ao aleitamento materno exclusivo, sendo um trabalho contínuo, que abrange também o acompanhamento domiciliar, proporcionando para a mãe segurança e fortalecimento que ela havia recebido no hospital durante sua internação (SILVA, 2020).

Quadro 1: Benefícios do Aleitamento materno para a criança

Protege contra infecções comuns (COSTA, 2018).
Protege contra diarreia (NASCIMENTO, 2018).
Fator de proteção contra alergias (NASCIMENTO, 2018).
Promove sentimentos de segurança, proteção e bem estar (MARQUES, 2020).
Proporciona manutenção e regulação da temperatura corporal (MARQUES, 2020).
Proporciona estabilidade cardiorrespiratória (MARQUES, 2020).
Promove o desenvolvimento cognitivo (BRASIL, 2019).
Ajuda a desenvolver as estruturas físicas orais, como lábios, língua, bochechas, palato duro e mole (MARQUES, 2020).
Reduz o risco de doenças crônicas como diabete de mellitus, hipertensão, celíaca, autoimune (BRASIL, 2019).
Gera menos custos (BRASIL, 2019).
Reduz a mortalidade na infância benefícios (BOCCOLINI, 2017).

Fonte: Adaptado por Autora, 2021.

3.2 COMPONENTES DO LEITE MATERNO E A IMPORTÂNCIA PARA A SAÚDE DA CRIANÇA

Vários dos benefícios citados se devem as propriedades do leite materno, dentre elas existem os componentes solúveis (IgA, IgM, IgC, IgD, IgE, lisozimas, lactobacilos e outras substâncias imunorreguladoras), os componentes celulares (macrófagos, linfócitos, granulócitos, neutrófilos e células epiteliais). Eles tornam o sistema imunológico do bebê mais resistente (BRAGA, 2020). Essas células no processo do aleitamento colonizam a mucosa gastrointestinal do recém-nascido, na qual se encontra isenta e vulnerável e com isso impede a aderência e colonização de patógenos entéricos (COSTA, 2018).

O componente em maior quantidade presente no leite materno é a água com 87% e desempenha o papel de regulação da temperatura corporal, nela estão proteínas, os compostos nitrogenados não protéicos, os carboidratos, os minerais e as vitaminas hidrossolúveis (C e Complexo B) dissolvidos ou suspensas. É devida a essa grande concentração de água que não há necessidade de oferecer simultaneamente água pura para o bebê (BRASIL, 2017).

Em relação às proteínas que estão presentes no leite humano destaca-se a caseína e as proteínas do soro. O leite apresenta todos os aminoácidos essenciais destacando-se, assim pela excelente qualidade, digestibilidade e alta biodisponibilidade, sendo suficiente para suprir as necessidades da criança. Nos primeiros dias, em torno de 1 a 7 dias após o parto é produzido o colostro, em quantidade de 2 a 20ml/mamada, rico em proteínas protetoras especialmente a imunoglobulina secretória A, que age contra infecções e alergia alimentar (MENEZES, 2018).

Nos lipídeos, os triglicerídeos são o principal componente e são responsáveis por fornecer 50% da energia do leite. Possui também os ácidos graxos de cadeia longa ômega 6 e ômega 3, indispensáveis para funções biológicas, reações cerebrais e sistema nervoso. Sendo assim, são de extrema importância no primeiro ano de vida do bebê (BRASIL, 2017). A última fração liberada do leite possui a cor amarelada, pois é onde contém a maior quantidade de gordura, então é no fim da mamada que se fornece a energia e a saciedade para a fome (MENEZES, 2018).

Segundo Brasil (2017) o carboidrato em maior concentração no leite humano é a lactose, ela promove absorção do cálcio e fornecer energia e galactose para o sistema nervoso. Por fim, as vitaminas e minerais estão biodisponíveis na quantidade ideal para promover o crescimento e desenvolvimento infantil. Os macrominerais encontrados em maior quantidade - potássio, cloro, cálcio, sódio, fósforo e magnésio-, e os microminerais, em menor quantidade - zinco, ferro, cobre, iodo, cromo, selênio, flúor, manganês, etc-. Em menores quantidades estão o cobre, o selênio, o cromo, o molibdênio e o níquel, mas também desempenham papéis fundamentais. No colostro encontram-se maiores quantidades de zinco, betacaroteno e demais vitaminas lipossolúveis.

Ao longo da lactação, o leite sofre alterações durante a mamada e ao longo dos dias, apresentando três denominações: colostro, leite de transição e leite maduro. O colostro é formado durante a gravidez e dura do primeiro ao sétimo dia pós-parto, possui cor amarelada e é rico em proteínas, sódio, potássio e cloro com menor quantidade de gordura e carboidratos. Depois, com o aumento em sua produção, o leite de transição passa a ter o teor de proteínas e minerais reduzidos e as gorduras e carboidratos aumentam até atingir uma quantidade para se tornar um leite maduro. Por fim, esse possui uma composição variada com água, proteínas, carboidratos, lipídeos,

minerais e vitaminas, na qual atendem exatamente as necessidades do bebê (MENEZES, 2018).

3.3 AMAMENTAÇÃO E SAÚDE DA MULHER

Um dos aspectos discutidos acerca dos benefícios do aleitamento materno são as vantagens à saúde da mulher, dentre eles destaca-se que o ato de amamentar agrega um estímulo de vínculo afetivo entre o bebê e a mãe. É surtido da união física e emocional, na qual geram fortes sentimentos afetivos e esta sensação gerada promove apego, carinho e amor entre ambos (PEREIRA, 2019).

Esse é um processo natural da gravidez e faz parte do processo reprodutivo com benefícios para mãe e filho simultaneamente. As reações bioquímicas e neuroendócrinas geradas pela síntese e secreção do leite são bem complexas e estão sob controle hormonal, estimulados pela aréola e mamilo, pois contêm terminais sensíveis. A interação desses fatores causa mudanças no organismo materno e favorece boas condições de saúde física e emocional para a mãe lactante, que se estenderão para a sua vida futura (MARQUES, 2020).

Silva (2020) corrobora que o processo de amamentação além de ser um ato biológico, o qual promove essa ação fisiológica e emocional decorre do envolvimento inicial da mãe com o filho; e também social e psicológico, pois, favorece a liberação de ocitocina e tem efeito protetor nos transtornos do estado de ânimo materno.

Outros benefícios estão relacionados a imagem corporal, pois a mãe pode retornar ao peso antigo mais rapidamente; ocorre à prevenção da depressão pós-parto e doenças como câncer de mama, ovário e endométrio e endometriose, além das doenças crônicas não transmissíveis, a exemplo do Alzheimer, diabetes mellitus, doenças cardiovasculares e osteoporose (BRAGA, 2020).

De acordo com Marques (2020) existem também chances de menor risco de hemorragias na fase do puerpério imediato e isto irá conseqüentemente prevenir anemia por perda sanguínea.

Souza (2018) descreve mais detalhadamente alguns desses benefícios, como:

- a. A diminuição do sangramento pós-parto, que acontece devido ao estímulo feito pela criança no ato de sugar o leite, liberando assim, o hormônio ocitocina. Ele,

por sua vez tem a capacidade de diminuir o sangramento pelo útero e proporcionar a volta do volume normal do mesmo mais rapidamente.

- b. A perda de peso gradual: enquanto a mãe estiver amamentando haverá um gasto de calorias acumuladas, estima-se que este gasto seja de 704 Kcal/dia. Essa reserva será utilizada para a produção do leite materno e enquanto a criança estiver amamentando exclusivamente dele a quantidade retirada da mãe será maior.
- c. Proteção contra o câncer de mama: alguns estudos relatam redução de 2/3 da ocorrência de câncer de mama devido a prática do aleitamento materno. E também que o risco relativo de ter câncer decresceu 4,3% a cada 12 meses de duração da amamentação. Se as mulheres amantassem por mais tempo a incidência de cânceres de mama nos países desenvolvidos seria reduzida a mais da metade passando de 6,3 para 2,7%.
- d. Prática contraceptiva: durante a lactação o hormônio prolactina se eleva por indução da sucção no seio da mãe, isso proporciona a inibição do hormônio gonadotrófico e consequentemente interrompe o processo de ovulação. É preciso também que, a mulher esteja nos primeiros seis meses pós-parto, estar amamentando exclusivamente ou quase exclusivamente e não ter menstruado. Assim, ocorrerá um bom método de planejamento familiar.

Quadro 2: Vantagens da amamentação à saúde da mulher

Redução do sangramento por involução uterina (SOUZA, 2018).
Menor risco de hemorragias no puerpério imediato (MARQUES, 2020).
Prevenção da depressão pós-parto (SILVA, 2020).
Prevenção de: <ul style="list-style-type: none"> a. Doenças como câncer de mama, ovário e endométrio e endometriose (SOUZA, 2018). b. Doenças crônicas não transmissíveis: Alzheimer, Diabetes Mellitus, doenças cardiovasculares e osteoporose (BRAGA, 2020).
Perda de peso gradual mais rapidamente (BRAGA, 2020).
Prática contraceptiva (SOUZA, 2018).
Efeito protetor nos transtornos do estado de ânimo materno (MARQUES, 2020).
Vínculo afetivo entre o bebê e a mãe (PEREIRA, 2019)

Fonte: Adaptado por Autora, 2021.

3.4. RECOMENDAÇÕES SOBRE O ALEITAMENTO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

No fim do ano de 2019, surgiu na China um novo vírus causador da Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARG) e a doença gerada por esse vírus foi chamada de COVID-19, ou coronavírus. Em pouco tempo espalhou-se pelo país e depois foi detectado em outros países, caracterizando-se, assim, como uma pandemia de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) (SILVA, 2021).

De acordo com Santos (2021), o que se conhece atualmente é que a transmissão do vírus do coronavírus acontece, de pessoa a pessoa, de forma horizontal, por contato direto ou indireto com secreções e/ou gotículas de pessoas contaminadas geradas ao falar, espirrar ou tossir, e por contato com superfícies contaminadas com o vírus e posteriormente com o toque em mucosas do nariz e boca.

A preocupação com a nova doença é geral, mas inicialmente atingiu a população idosa e depois rapidamente acometeu indivíduos de todas as faixas etárias e sem distinção econômica e social. Isso inclui mulheres gestantes e puérperas, que necessitam de cuidados e orientações sobre procedimentos a serem seguidos quando estiverem em suspeita de COVID-19, especialmente durante o processo de aleitamento materno (TACLA, 2020).

De acordo com o MS mulheres durante o ciclo gravídico-puerperal e os Recém-Nascidos (RNs) são classificados como grupos de risco, visto que o quadro clínico desses indivíduos pode ser agravado na presença de infecção, devido à baixa tolerância à hipóxia e imunidade, que culminam com piores desfechos, comparados à população em geral (MASCARENHAS, 2020).

Embora já existam evidências de alguns sinais de alterações placentárias advindos de processos inflamatórios por suspeita de COVID-19, o vírus ainda não foi encontrado nas amostras de líquido amniótico, cordão umbilical e no leite materno. Portanto, não há evidências científicas robustas que comprovem a relação entre a transmissão do coronavírus e a amamentação (LIMA, 2020).

No entanto, devido à transmissão do vírus ser espalhada rapidamente por meio de gotículas, torna-se mais viável o contágio entre mãe e recém-nascido após o nascimento. Compreende-se que os RNs com COVID-19 estão mais vulneráveis e

podem precisar de suporte respiratório e maior tempo de internação em Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN), logo, a amamentação também passou a ser uma preocupação. Tem-se recomendado por muitos profissionais da saúde o afastamento entre mães com COVID-19 e seus bebês após o nascimento para evitar os possíveis riscos de infecção. Apesar de não existirem evidências que confirmem a existência de transmissão vertical ou através da amamentação (ALMEIDA, 2021).

A Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) corrobora que ainda não há afirmação que comprove a contaminação vertical em crianças que estão sendo amamentadas por mães que se encontram em suspeita ou com o diagnóstico de COVID-19, sendo assim o que se preconiza, atualmente, é o incentivo a prática do aleitamento materno desde que a mãe esteja clinicamente apta para tal sendo necessárias medidas de precauções específicas, como uso de máscara durante a amamentação e medidas de higiene das mãos (GOMES, 2020).

Neste sentido, conhecer as evidências é essencial para incentivar e defender a amamentação em tempos de pandemia visto que, pode haver a separação entre mãe e o recém-nascido podendo ameaçar o sucesso do aleitamento materno, isto compromete os benefícios duradouros para a família e gera impacto social e econômico significativamente negativo (TACLA, 2020).

De acordo com Silva (2021), as interrupções nos serviços essenciais de saúde durante a pandemia afetaram gravemente a qualidade do atendimento prestado as gestantes durante o período pré-natal, mas esse é um momento crucial que influencia diretamente na saúde materno-infantil, assim torna-se necessário realizar ações em saúde que abordam sobre os cuidados com a gestante e recém-nascido, além de incentivar a amamentação, pois existe carência de informações por parte de muitas gestantes durante este período.

Desse modo, as recomendações mais essenciais durante esse período, são: orientações sobre a assistência ao parto em face da infecção por SARS-CoV-2, com indicações para antecipação do parto; via de nascimento e preparação da equipe e do ambiente para o nascimento e recomendações sobre a assistência da puérpera em face da infecção por coronavírus, incluindo, aleitamento materno; cuidados com o RN; alta hospitalar e cuidados domiciliares com RNs (MASCARENHAS, 2020).

Nesse panorama pandêmico, o MS em parceria com a Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano (RBLH), Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), Instituto de Medicina Integrada Professor Fernando Figueira (IMIP), Instituto de Saúde de São Paulo (IS-SP), Associação Brasileira de Obstetras e Enfermeiros Obstetras (Abenfo) e Rede Internacional em Defesa do Direito de Amamentar/Internacional Baby Food Acon Network (Ibfan), emitiu uma nota técnica visando preservar a prática da amamentação quando houver situação de risco iminente de transmissão do coronavírus, e em situações onde a mãe apresente sintomas compatíveis com síndrome gripal (BRASIL, 2020). As medidas de precaução estão listadas no Quadro 3.

Quadro 3: Recomendações durante a pandemia da Covid-19.

<ul style="list-style-type: none"> • Lavar as mãos por pelo menos 20 segundos antes de tocar o bebê, ou antes, de retirar o leite materno, seja por extração manual ou na bomba extratora.
<ul style="list-style-type: none"> • Usar máscara facial que cubra completamente nariz e boca durante as mamadas e evitar falar ou tossir durante a amamentação.
<ul style="list-style-type: none"> • A máscara deve ser trocada sempre em caso de tosse ou espirro ou a cada nova mamada.
<ul style="list-style-type: none"> • Caso a mãe não disponha de máscara facial, utilizar um pano limpo cobrindo nariz e boca durante a amamentação.
<ul style="list-style-type: none"> • Seguir rigorosamente as recomendações para limpeza das bombas de extração de leite após cada uso.
<ul style="list-style-type: none"> • Deve-se considerar a possibilidade de solicitar a ajuda de alguém que esteja saudável para oferecer o leite materno em copinho, xícara ou colher ao bebê.
<ul style="list-style-type: none"> • É necessário que a pessoa que vai oferecer ao bebê aprenda a fazer isso com a ajuda de um profissional de saúde.

Fonte: Adaptado de Brasil, 2020.

Assim, dentre as principais medidas a OMS recomenda principalmente que, as mulheres que desejam amamentar devem realizar a higiene respiratória durante a amamentação, por meio do uso de máscaras durante o processo, lavar as mãos antes e depois de tocar no bebê e desinfetar constantemente as superfícies que houver contato. Deve haver também, o incentivo do aleitamento para aquelas mulheres que estão com a doença, mas não se sentem bem para amamentar, orientando-as sobre como sobre como seguir as medidas de precaução (DANTAS, 2020).

Além dessas medidas de cuidados básicos de higiene pessoal, como lavagem das mãos, uso de álcool 70% e banhos mais frequentes, as autoridades sanitárias preconizam a prática do distanciamento social. Assim como, manter os cuidados de rotina do bebê, dando ênfase à limpeza da casa e as restrições de visitas (LIMA, 2020).

No mais, o atual momento ainda não permite mensurar em longo prazo as consequências dessa nova pandemia em relação à saúde materno-infantil. Ainda existem muitos desafios sob a coexistência da gestação/puerpério e infecção por COVID-19. Por isso é importante monitorar mãe e bebê, acompanhá-los, durante o processo, se houver casos confirmados e evitar a separação dos mesmos, sendo recomendado somente em casos graves da doença (CARDOSO, 2021).

4 MATERIAL E MÉTODOS

4.1 TIPO DE ESTUDO

Estudo de revisão bibliográfica integrativa, explanatória, com abordagem qualitativa dos dados.

4.2 PERÍODO DE ESTUDO

Foi realizada uma revisão de literatura por meio de artigos disponibilizados em meios eletrônicos publicados no período de 2016 a 2021. A coleta desses dados foi realizada no período de junho a julho de 2021.

4.3 MEIOS DE PESQUISA questão norteadora

Realizou-se a identificação de artigos referentes à importância do AME para o bebê e para a mãe, identificando as recomendações para essa prática durante a pandemia do coronavírus. Utilizou-se a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS)/ BIREME, com o auxílio das bases de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Sistema Online de Busca e Análise de Literatura Médica (MEDLINE). Para esta busca, foram usados como descritores: “Aleitamento materno exclusivo”, “Componentes do leite materno e a importância para a saúde o bebê”, “Amamentação e saúde da mãe” e “Vantagens do aleitamento materno e pandemia COVID-19”.

Após essa seleção global, houve o momento de análise, mediante leitura seletiva dos artigos relacionados com o tema da pesquisa e foram julgados de acordo com os objetivos da pesquisa.

Foram adotados como critérios de inclusão trabalhos publicados durante o período estipulado, no idioma português. Foram excluídos “pré-prints”, pois estes não foram submetidos à revisão por pares, além de documentos que não se relacionavam ao objetivo da pesquisa. Por fim, depois de uma leitura interpretativa para obter os resultados, a amostra foi composta de 16 artigos.

4.4 COLETA E ANÁLISE DE DADOS

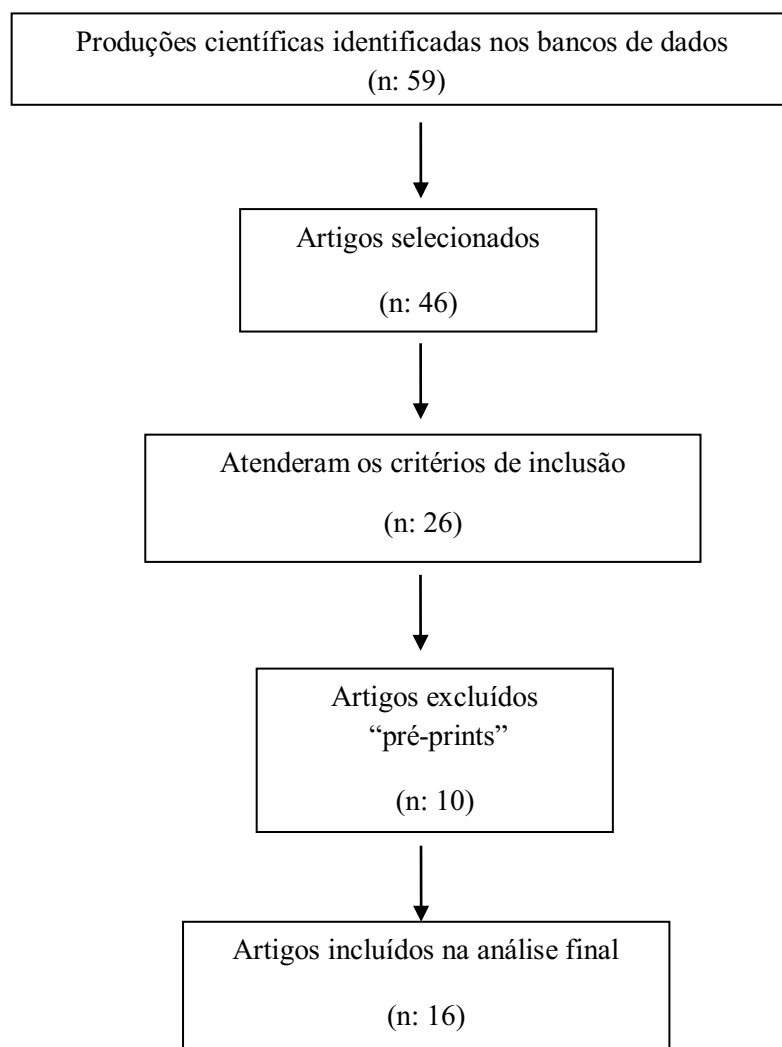
Após a leitura dos artigos selecionados foram obtidos os dados para o trabalho de forma sistemática, com ordenação, classificação e análise final. Os dados qualitativos

foram analisados em três etapas. A primeira foi a pré-análise, realizando leitura completa dos artigos a serem utilizados, depois houve a exploração e organização para compreender e encontrar estruturas relevantes, para isso foi utilizado um quadro com todos os artigos achados, detalhando-os em tópicos de interesse no estudo: título, autor, ano de publicação, objetivo, metodologia, principais resultados e conclusões e por fim processaram-se apenas os artigos com os resultados relevantes e suas interpretações foram previstas em quadros teóricos construídos no Programa Excel 2010, na qual, fizeram parte dos resultados desse trabalho.

5 RESULTADOS

Inicialmente, foram encontradas 59 produções científicas com os descritores utilizados. Destes, 46 foram selecionados por responder os objetivos do estudo e apenas 26 atenderam os critérios de inclusão do trabalho. Destes, 10 se encaixaram nos critérios de exclusão. Por fim, restaram 16 artigos para compor a análise do estudo. Assim, foi realizada a montagem das tabelas de acordo com os descritores selecionados, contabilizando: 06 (seis) artigos para “Aleitamento Materno Exclusivo”, 03 (três) para “Componentes do leite materno e a importância para a saúde do bebê”, 02 (dois) para “Importância da amamentação para a mãe” e 05 (cinco) para “Vantagens do aleitamento materno e pandemia COVID- 19”.

Figura 1: Fluxograma de identificação e seleção dos artigos



Fonte: Autora, 2021.

O quadro 4, a seguir, exemplifica os artigos selecionados de forma mais detalhada contendo (**autor** e ano, título, objetivo, principais resultados e conclusões) e com base no descritor “Aleitamento Materno Exclusivo”

Quadro 4: Artigos selecionados sobre “Aleitamento Materno Exclusivo”

AUTOR E ANO	TÍTULO	OBJETIVO	PRINCIPAIS RESULTADOS	CONCLUSÕES
Silva (2020)	A importância do aleitamento materno nos seis primeiros meses de vida do recém-nascido.	Apontar a importância do aleitamento materno nos seis primeiros meses de vida do recém-nascido.	Quanto maior o nível de escolaridade da mãe maior vai ser o tempo dela amamentando seu filho, pelo fato de ter mais acesso às informações sobre os benefícios do AM. É preciso que a mulher durante a gestação tenha mais apoio nos dias críticos após o parto e nos primeiros meses de vida da criança.	O AME nos primeiros meses de vida , apesar de seus benefícios indiscutíveis para a saúde da criança, ainda é pouco praticado . O desmame precoce geralmente ocorre devido à falta de informações que convençam as mães dos benefícios e da efetividade do leite materno.
Marques et al (2020)	Aleitamento materno: importância e benefícios da amamentação	Realizar um levantamento bibliográfico acerca da importância e os benefícios do aleitamento materno .	O aleitamento materno favorece o crescimento e o desenvolvimento da criança, tanto por suas características nutricionais, imunológicas e psicológicas , quanto por possibilitar o crescimento harmonioso da face, promovendo a maturação das funções do sistema estomatognático.	O leite materno além de favorecer o vínculo mãe-filho , oferece os nutrientes que a criança necessita para iniciar uma vida saudável, sendo essencial para o lactente até o sexto mês de vida como alimento exclusivo , a partir de então, complementado com outras fontes nutricionais até pelo menos dois anos de idade.
Menezes (2018)	Benefícios do aleitamento materno exclusivo até os seis meses de vida	Identificar os benefícios do aleitamento materno exclusivo até os seis meses para a saúde da criança.	Foi possível identificar as vantagens do AM na redução da morbimortalidade por doenças infecciosas; menor custo para o sistema de saúde mesmo em países onde a mortalidade infantil é baixa, pois diminui o índice de hospitalização.	São necessárias ações e investimento em promoção do AME na atenção primária à saúde e em redes de atenção à gestante, à criança e à puérpera, para aumentar o índice de aleitamento até os seis meses de vida , pois o impacto dessa atitude gera consequências significantes para a sociedade. Continua

Alves et al (2018)	Orientações sobre amamentação na atenção básica de saúde e associação com o aleitamento materno exclusivo	Analisar a associação entre o recebimento de orientações sobre amamentação na atenção básica à saúde e o aleitamento materno exclusivo .	Uma menor prevalência de AME foi observada entre mães acompanhadas por menos de seis consultas pré-natais . Uma maior prevalência de AME foi observada entre as mães que receberam orientações sobre a importância da amamentação exclusiva por 6 meses , sobre pega e posição do bebê no peito, sobre livre demanda e sobre o não uso de mamadeira.	Ter recebido orientação sobre o aleitamento materno exclusivo contribuiu para o mesmo , enquanto orientações e práticas inadequadas se associaram a uma menor prevalência do desfecho.
Santos et al (2017)	Avaliação do aleitamento materno em crianças até dois anos assistidas na atenção básica do Recife, Pernambuco, Brasil.	Avaliar o aleitamento materno exclusivo (AME) e total em crianças até 2 anos de idade atendidas em Unidades Básicas de Saúde (UBS) do Recife-PE.	Ao analisar a prevalência de AM exclusivo e total, verificou-se a mediana de 60,84 dias (aprox. 2 meses) e 182,52 dias (aprox. 6 meses) , respectivamente. Crianças do sexo masculino, uso de chupeta e mamadeira foram associados ao menor tempo de aleitamento materno exclusivo.	As prevalências de AME e AMT das crianças estão abaixo das recomendações do MS e OMS. É necessário que haja planejamento e articulação de ações que visem à promoção, proteção e apoio ao AM nessa população.
ENANI (2020)	Resultados preliminares – Indicadores de aleitamento materno no Brasil ENANI-2019	Descrever a prevalência dos indicadores do aleitamento materno segundo macrorregião e analisar a tendência desses indicadores nos últimos 34 anos.	Entre crianças com idade inferior a 4 meses, a prevalência do AME o foi de 60,0% no Brasil , sendo 57% na região Norte e percentual mais elevado na região Sudeste (63,5%) e menor no Nordeste (55,8%). A prevalência do AME entre as crianças com menos de seis meses de idade foi de 45,7% no Brasil , sendo 40,7% na região Norte e com prática mais frequente na região Sul (53,1%) e menos na região Nordeste (38,0%) .	Comparar os dados do ENANI-2019 com outras pesquisas de representatividade nacional direcionadas para avaliar crianças menores de cinco anos de vida (PNDS de 1986, 1996 e 2006) permite avaliar a evolução desses indicadores no decorrer de 34 anos no Brasil, com uma lacuna de conhecimento de 14 anos entre 2006 e 2020. Conclusão

Fonte: Autora, 2021.

O quadro 5, exemplifica os artigos selecionados de forma mais detalhada com base no descritor “Componentes do leite materno e a importância para a saúde do bebê”.

Quadro 5: Apresentação dos artigos sobre “Componentes do leite materno e a importância para a saúde do bebê”.

AUTOR E ANO	TÍTULO	OBJETIVO	PRINCIPAIS RESULTADOS	CONCLUSÕES
Souza (2018)	ALEITAMENTO MATERNO: vantagens para a mãe e para o bebê e os porquês do desmame precoce	Descrever e analisar as dificuldades encontradas pelas mães em amamentar seus filhos, o que leva ao desmame precoce, e também abranger as vantagens da amamentação.	Foi possível constatar as inúmeras vantagens imunológicas, psicológicas e nutricionais para o bebê e os fatores que influenciam no desmame precoce, como a introdução de outros tipos de alimentos na dieta da criança, falta de assistência pré-natal, nível de experiência com amamentação, entre outros.	A continuação do aleitamento materno é de suma importância para a saúde da mãe e da criança e que o desmame precoce deve ser evitado.
Silva et al (2020)	A importância do aleitamento materno na imunidade do recém-nascido	Mostrar a importância do aleitamento materno na construção do sistema imunológico do lactente, em específico na imunidade inata, e, descrever sobre os prejuízos e consequências que o desmame precoce pode causar a saúde do neonato.	Os benefícios que o leite materno são devido à presença de uma grande quantidade de nutrientes, como minerais, proteínas, imunoglobulinas, antioxidantes, leucócitos que atuam diretamente no sistema imunológico do bebê, com função de proteger a mucosa intestinal. A interrupção da amamentação há efeitos danosos à saúde da mãe e do bebê e bem significativos.	A amamentação é imprescindível na construção da imunidade do neonato, em especial na inata, e deve então ser evitado o desmame precoce.
Braga (2020)	Os benefícios do aleitamento materno para o desenvolvimento infantil	Determinar de que maneira o leite materno influencia no desenvolvimento infantil.	A amamentação natural possui diversas vantagens, em destaque o desenvolvimento craniofacial e psicológico, o estímulo das funções bucais e a oclusão dentária sem desvios. Isso mostra que o AME é um fator de extrema importância para o correto desenvolvimento infantil.	Instruções como a importância e benefícios do AM e, também, os manejos necessários para a prática correta são essenciais durante o período gestacional e após o nascimento também.

Fonte: Autora, 2021.

O quadro 6, apresenta os artigos mais detalhados relacionados ao assunto “Amamentação e saúde da mulher”.

Quadro 6: Artigos detalhados sobre “Amamentação e saúde da mulher”

AUTOR E ANO	TÍTULO	OBJETIVO	PRINCIPAIS RESULTADOS	CONCLUSÕES
Souza, et al (2021)	Benefícios do aleitamento materno para a mulher e o recém nascido.	Realizar uma revisão bibliográfica acerca dos benefícios do aleitamento materno para a mulher e para o recém nascido.	O aleitamento materno é uma estratégia natural de vínculo, afeto, proteção e nutrição devendo ser sempre incentivada e protegida. As mães recuperam mais rapidamente o peso que possuíam antes da gravidez, além de possuírem menor risco de hemorragias no puerpério imediato e conseqüentemente anemia e uma maior proteção contra o desenvolvimento de câncer de mama , entre outros.	O leite materno favorece o vínculo mãe-filho, e também oferece os nutrientes que a criança necessita para iniciar uma vida saudável, além de promover redução da morbimortalidade infantil e materna.
Ribeiro (2021)	Benefícios a longo prazo na saúde da mulher promovidos pelo aleitamento materno: uma revisão narrativa.	Levantar os benefícios na saúde da mulher à longo prazo pela prática do aleitamento materno	A prática do aleitamento materno, diretamente associada ao tempo de duração do AM, pode proporcionar diferentes benefícios para a saúde da mulher como fator protetor para várias doenças, como esclerose múltipla, diabetes, hipertensão, artrite reumatóide e alguns tipos de cânceres.	Existem inúmeros benefícios para a saúde da mulher por meio da amamentação, os quais já são explorados em curto prazo, e com os resultados dessa pesquisa foi possível evidenciar a existência de outros benefícios à longo prazo, promovendo a saúde materna

Fonte: Autora, 2021.

O quadro 7, apresenta os artigos com os assuntos relacionados as “Vantagens do aleitamento materno e pandemia COVID- 19”.

Quadro 7: Artigos sobre “Vantagens do aleitamento materno e pandemia COVID- 19”.

AUTOR E ANO	TÍTULO	OBJETIVO	PRINCIPAIS RESULTADOS	CONCLUSÕES
Silva et al (2021)	A amamentação em tempos da COVID-19: uma revisão narrativa	Analisar a amamentação em tempos de pandemia da COVID-19.	Segundo orientações da OMS os benefícios da continuidade da amamentação em tempos de COVID-19 são superiores aos riscos , sendo, portanto o AM recomendado, desde que as mulheres realizem a higiene respiratória , lavagem das mãos antes e depois de tocar no recém-nascido, e a desinfecção do ambiente sempre que houver contato.	Ainda há escassez de estudos abordando a temática principalmente em português. Contudo, até o momento, as recomendações vigentes encorajam a amamentação pelas nutrizes com suspeita ou positivas para COVID-19, porém com medidas de biossegurança corretas devido aos benefícios da amamentação.
Dantas et al (2020)	Refletindo sobre o contexto da amamentação durante a pandemia da covid-19.	Desenvolver uma reflexão sobre as recomendações da prática do aleitamento materno no cenário da pandemia do COVID-19 com base em estudos científicos e protocolos atuais.	Os profissionais da saúde sejam das maternidades ou da Atenção Primária à Saúde (APS) necessitam orientar as famílias e certificar que elas compreendam como o uso do leite humano pode salvar vidas , quando associado com as precauções recomendadas.	A amamentação é fundamental e sua prática deve ser encorajada, mesmo em períodos críticos que geram incertezas e medos. O incentivo ao AM deve ser baseado por protocolos, normas e recomendações dos órgãos institucionais reconhecidos , promovendo, assim, a prática segura e qualificada.

Continua

<p>Organização Pan-americana da Saúde e Organização Mundial da Saúde (2020)</p>	<p>Aleitamento materno e a doença causada pelo novo coronavírus (COVID-19)</p>	<p>Avaliar evidências atuais sobre os riscos de transmissão da COVID-19 de uma mãe infectada para seu bebê através do aleitamento materno, e as evidências sobre os riscos à saúde da criança por não ser amamentada.</p>	<p>43 amostras de leite foram negativas para o vírus causador da COVID-19, e as de três mães testaram positivo para partículas virais no RT-PCR. Um bebê testou positivo para COVID-19, Os outros dois bebês testaram negativo.</p>	<p>Os dados disponíveis até o momento não são suficientes para se concluir sobre a transmissão vertical da COVID-19 através do aleitamento materno. Então, é essencial adesão das medidas de prevenção e controle de infecção.</p>
<p>Santos, et al (2021)</p>	<p>Aleitamento materno exclusivo em tempos de pandemia da COVID-19: revisão integrativa</p>	<p>Identificar as incompreensões e incertezas das puérperas frente à transmissibilidade do SARS-CoV-2 pelo leite materno: revisão da literatura.</p>	<p>O MS recomenda manter a amamentação em caso de infecção pela COVID-19, desde que a mãe escolha amamentar e apresente condições clínicas para o ato. Não há comprovação científica que o vírus seja transmitido de forma vertical através do leite materno. Os benefícios do aleitamento materno superam os riscos da COVID-19, e a amamentação deve ser orientada de maneira adequada.</p>	<p>Ações educativas e preventivas relacionadas às complicações mamárias são questões necessárias e adequadas para sustentar o processo de amamentar fisiológico perante o momento da pandemia e trazer relações de confiança, compromisso e vínculo com o profissional da saúde, a mãe e a rede sócio afetiva.</p>
<p>Cardoso, et al (2021)</p>	<p>A saúde materno-infantil no contexto da pandemia de COVID-19: evidências, recomendações e desafios</p>	<p>Apresentar as principais evidências, recomendações e desafios à saúde materno-infantil no contexto da pandemia de COVID-19.</p>	<p>A coexistência da gestação/puerpério e infecção por COVID-19 impõe muitos desafios. A conduta adotada deve ser de caráter individual, abrangendo todos os aspectos de saúde do binômio mãe-filho, estimando os riscos e benefícios de cada decisão.</p>	<p>O atual momento ainda não nos permite mensurar as consequências dessa nova pandemia no âmbito da saúde materno-infantil, demandando atenção à sua evolução e novas evidências acerca das implicações no cuidado ao binômio mãe-filho.</p>

Conclusão

Fonte: Autora, 2021.

6 DISCUSSÃO

6.1 Aleitamento Materno Exclusivo

O leite materno é um alimento completo e adequado, sendo recomendado pela OMS juntamente com o MS a oferta sob livre demanda e de forma exclusiva durante os primeiros seis meses de vida da criança. Depois desse período, pode ser complementado com outros alimentos, podendo ser ofertado em conjunto até os dois anos ou mais (MARQUES, 2020).

Essa oferta de forma exclusiva nos primeiros meses de vida da criança é validada devido aos vários benefícios do aleitamento materno, demonstrados em bases científicas comprovadas, pois esse é reconhecido como o período de maior crescimento e desenvolvimento envolvendo todos os aspectos psicológicos, nutricionais e imunológicos (SILVA, 2020).

De acordo com Marques et al (2020), o AM iniciado logo após o nascimento, promove benefícios de curto prazo, como a prevenção da morbidade e mortalidade infantil e a longo prazo quando associado ao maior tempo de duração melhora o desenvolvimento motor do recém-nascido e diminui o risco de doenças crônicas. Sendo de extrema importância, ser incentivado desde o início da amamentação na primeira hora de vida, pois o estímulo para liberação do colostro provoca o desenvolvimento acelerado das células do intestino do bebê, protegendo-o de possíveis infecções por patógenos e previne a ocorrência de hipotermia (MENEZES, 2018).

Além dos benefícios para a criança e para a mãe, o leite materno é mais prático para manejo, é econômico e não requer custos extras, além de ser um alimento completo. A família é beneficiada na questão financeira, pois se evita a compra de leites, gastos com gás de cozinha e tempo de preparo do leite artificial. Com isso, é necessário o incentivo do AME para tentar evitar o desmame precoce em famílias que é possível amamentar (SILVA, 2020).

Nesse viés, Alves (2018), afirma que a prática do AM tem relação direta com as intervenções de orientação e apoio por profissionais de saúde capacitados a prestar informações desde a atenção básica, no pré-natal, no pós-parto e durante o acompanhamento do binômio mãe e filho, pois isto irá influenciar nos índices e na duração do aleitamento materno exclusivo.

Visto que, apesar de haver conhecimentos sobre os benefícios do aleitamento materno e até mesmo leis e programas de proteção, promoção e apoio a prática, existem muitos estudos que demonstram baixa prevalência do AM, destacando assim, essa necessidade de um acompanhamento e vigilância contínua nos eixos mais prioritários que incluem a atenção básica, atenção hospitalar, a Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano (RBBLH), a proteção legal do AM, a mobilização social e monitoramento dos indicadores de AM (SANTOS, 2019).

Silva (2020) cita algumas das políticas públicas essenciais referentes ao AM, como: Estratégia Amamenta e Alimenta Brasil de 2012 para qualificar os profissionais da atenção básica na instância do Sistema Único de Saúde (SUS); A Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano (RBBLH), na qual fornece leite para nutrizes que não podem amamentar; Em 2015, a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança (PNAISC) visando promover e proteger o AM e a saúde da criança, tendo uma publicação do Guia para implementação de salas de apoio à amamentação para a mulher trabalhadora; e também, a Estratégia de Saúde da Família (ESF) direcionada aos cuidados das gestantes, parturientes e puérperas, na qual desenvolve educação em saúde.

De acordo com o estudo transversal de Alves (2018) que buscou analisar a associação entre o recebimento de orientações sobre amamentação em unidades básicas de saúde da cidade do Rio de Janeiro e o Aleitamento Materno Exclusivo, constatou-se que em relação à assistência pré-natal, 10,7% das mulheres foram acompanhadas por menos de seis consultas, sendo observada uma menor prevalência de AME entre mães acompanhadas por menos de seis consultas pré-natais.

A grande maioria das mães (82,9%) foi orientada na unidade básica sobre a importância do aleitamento materno exclusivo por 6 meses, mais da metade (63,4%) foi orientada sobre como colocar o bebê no peito para mamar, 56,4% sobre ordenha manual das mamas, 76,5% sobre livre demanda, e 76,9% quanto ao não uso de mamadeira. Com isso, uma maior prevalência de AME foi observada entre as mães que receberam essas orientações citadas (ALVES, 2018).

Portanto, demonstra-se que é necessário oferecer orientações às gestantes e as mães na rede primária de saúde por meio de profissionais habilitados para aconselhá-las e que sejam capacitados em estratégias de promoção e apoio ao AM na atenção

primária, assim, as mães se sentirão mais seguras e mais capazes de superar possíveis dificuldades que surjam no processo da amamentação, conseqüentemente haverá um desfecho positivo nos índices para a prática do AME (ALVES, 2018).

Marques et al (2020) também corrobora que desde o pré-natal deve haver o manejo clínico da amamentação, pois no início da gestação a mulher vai compreendendo a fisiologia da lactação, os benefícios de amamentar, aspectos como intervalos entre as mamadas, sinais de hipoglicemia, entre outros. Sendo fundamental o acolhimento por parte de profissionais de saúde experientes, formando assim vínculos que permitiram que a mulher sintasse-se pronta para todas as fases do processo gestacional. Escuta ativa, esclarecimento de tabus, diminuição de dúvidas, são ações importantes para encorajar as mães a seguirem com o aleitamento natural.

Em outro estudo descritivo transversal de Santos et al (2019) que buscou avaliar o Aleitamento Materno das crianças de até dois anos de idade atendidas em Unidades Básicas de Saúde do Distrito V, Recife – PE, os dados encontrados para tempo de Aleitamento Materno Total (AMT) e Aleitamento Materno Exclusivo (AME) mostram que os resultados encontram-se muito inferiores ao que é recomendado pela OMS e MS (6 meses para AME e até 24 meses ou mais para AMT). A mediana de AMT foi de 182,52 dias, ou seja, aproximadamente 6 meses. Enquanto que para o AME, a mediana total foi de 60,84 dias, aproximadamente 2 meses.

Esses dados corroboram com os indicadores de aleitamento materno no Brasil divulgados no último Estudo Nacional de Alimentação e Nutrição Infantil (ENANI-2019) onde, entre crianças com idade inferior a quatro meses, a prevalência do AME foi de 60,0% no Brasil, sendo 57% na região Norte, e com percentual mais elevado na região Sudeste (63,5%) e menor no Nordeste (55,8%). Outro dado referente a prevalência do AME entre as crianças com menos de seis meses de idade demonstrou que a média no Brasil foi de 45,7%. A região norte obteve 40,7%, e prática foi mais frequente na região Sul (53,1%) e menos na região Nordeste (38,0%).

Por fim, nesse estudo foram analisadas as tendências do aleitamento materno no Brasil por meio das Pesquisas Nacionais de Demografia em Saúde- PNDS de 1986, 1996 e 2006. Avaliando-se a evolução desses indicadores no decorrer de 34 anos no Brasil, com uma lacuna de conhecimento de 14 anos entre 2006 e 2020 (ENANI, 2019).

Constatou-se que entre as crianças menores de 4 meses, a prevalência de aleitamento materno exclusivo passou de 4,7% para 60,0%, no período avaliado, um aumento absoluto de 55,3% e relativo de 12,8 vezes. A prevalência do aleitamento materno exclusivo entre os menores de 6 meses aumentou 42,8 pontos percentuais entre 1986 e 2020, passando de 2,9% para 45,7% nesses 34 anos, o que corresponde a um incremento de cerca de 1,2% ao ano.

Braga (2020) afirma que o percentual de crianças em amamentação exclusiva, deve aumentar para 50% até 2025. E que embora o aleitamento materno exclusivo tenha aumentado nas últimas décadas, ainda há um longo caminho para atingir os 100% recomendados pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância.

Logo, é necessário investimento em promoção do AME na atenção primária à saúde e em redes de atenção à gestante, à criança e à puérpera. Visando aumentar o índice de mães que ofereçam às suas crianças o AME até os seis meses de vida da criança, visto o conjunto de estudos realizados evidenciando os benefícios do aleitamento exclusivo até os seis meses tanto para a mãe quanto para o bebê e com redução significativa de consequências para a sociedade (MENEZES, 2018)

Para isso, Menezes, (2018) continua afirmando que é preciso ter foco em: hospitais amigo da criança, capacitação de profissionais de saúde, programas de suplementação nutricional, apoio social de profissionais da saúde, campanhas em meios de comunicação, atividades em grupos durante o pré-natal, pois, essas são ações relevantes para melhorar a prática da amamentação.

6.2 Componentes do leite materno e a importância para a saúde do bebê.

O leite materno é totalmente adaptado para os processos fisiológicos das crianças e é representado de acordo com fases da amamentação, sendo a primeira denominada de colostro durando aproximadamente sete dias após o nascimento do bebê. Apresenta alta densidade com menor volume, cor amarelada, rico em minerais, proteínas, imunoglobulinas, antioxidantes, leucócitos e pobre em lactose e gorduras. Ele é de extrema importância para o estímulo do aparecimento de lactobacilos no trato gastrointestinal, protegendo a mucosa e auxiliando na passagem das fezes do bebê. A segunda fase é o leite de transição onde há maior quantidade de lactose e gorduras quando comparado a primeira. E por fim, o leite maduro farto em células de defesa e em todos os nutrientes completos para o lactante. (SILVA, 2020).

Braga (2020) relata que entre as propriedades do leite materno destaca-se: componentes solúveis, constituídos por imunoglobulinas - IgA, IgM, IgC, IgD, IgE -, lisozimas, lactobacilos e outras substâncias imunorreguladoras; componentes celulares, como macrófagos linfócitos, granulócitos, neutrófilos e células epiteliais, na qual são componentes relevantes relacionados ao sistema imune do bebê.

As imunoglobulinas são anticorpos que têm a função de defender nosso organismo contra patógenos. A IgA, sendo a mais presente em quantidade no leite materno, com a função de ligar os microrganismos, quando estes infectam o organismo, bloqueando a fixação destes na mucosa intestinal. É responsável por neutralizar as toxinas liberadas pelos agentes infecciosos. A concentração de IgA vai diminuindo com o passar do tempo, e se torna escassa (SILVA, 2020).

De acordo com Silva (2020) um estudo recente indicou que o leite humano apresenta uma resposta imunológica significativa contra o novo coronavírus (SARS-Cov2), nos resultados encontrou-se que 80% das amostras obtidas após o COVID-19 expressaram IgA reativa, ou seja, o organismo não estava com a infecção na fase ativa, isso demonstra a forte resposta imune do leite humano ao SARG, e mesmo após infecção na maioria dos indivíduos o leite humano poderia ser purificado e utilizado no tratamento da COVID-19.

Souza (2018) corrobora sobre a proteção do leite materno sob possíveis infecções, especialmente diarreias e pneumonia, devido sua composição de anticorpos,

leucócitos e outros fatores anti-infecciosos, que atuam contra a maioria das bactérias e vírus. E também, contêm nutrientes como o zinco e ácidos graxos poli-insaturados de cadeia longa, que auxiliam no desenvolvimento da resposta imune.

Além disso, o leite contém carboidratos, especialmente a lactose responsável por fornecer energia ao lactante e também ajuda na absorção de cálcio e na consistência das fezes, enfatizando que suas concentrações são adequadas para o desenvolvimento do bebê. E os lipídeos fornecendo 50% do total das calorias do leite materno e sua composição é de 57% de ácidos graxos insaturados e 42% de ácidos graxos saturados. Eles são essenciais para ajudar no transporte de minerais, vitaminas e hormônios lipossolúveis. Ressaltasse que sua porção é encontrada e maior quantidade no final da mamada, sendo assim, é ideal esvaziar totalmente uma mama para assim poder trocar para a outra (SILVA, 2020).

A OMS afirma que entre os principais benefícios da amamentação natural estão a redução do risco de morbimortalidade infantil, aumento do número de anticorpos, ganho de peso, desnutrição, doenças respiratórias, diabetes mellitus, dermatite atópica, rinite alérgica, obesidade, melhores índices de desenvolvimento neuromotor cognitivo e melhora do quociente intelectual e exercita a região perioral e intraoral (BRAGA, 2020).

Dentre os benefícios, Braga (2020) aponta estudos realizados nas revistas Uningá, Internacional de Aleitamento Materno e Divulgação Científica Sena Aires onde descreve que um dos fatores determinantes para uma boa amamentação é a sucção exercida pelo bebê, pois, além de ser um estimulador de produção de leite contribui com o desenvolvimento do sistema estomatognático, como os músculos, lábios, língua, entre outros componentes da face.

Menezes (2018) adiciona ainda outros fatores importantes que se relacionam com a sucção no ato de amamentar, como: reduzir as malformações da dentição, estimular e exercitar a musculatura que envolve o processo da fala e promover melhor a dicção.

Em relação aos benefícios em longo prazo ainda é difícil para fazer comprovações. No entanto, há um número crescente de dados epidemiológicos, na qual, tem indicado que a alimentação natural com leite materno está associada a menor

risco de desenvolvimento de doenças como: diabetes mellitus tipo 2, hipertensão, obesidade e doença cardiovascular, alergias, entre outros (MENEZES, 2018).

6.3 Amamentação e saúde da mulher

Quando se fala em atenção à mulher, em unidades de saúde, devem-se ser realizadas as seguintes atividades: planejamento familiar, pré-natal, puerpério, grupos de gestante e aleitamento materno. Sendo que durante a gravidez ocorre um processo fisiológico complexo e que se torna um momento de aprendizado e profundas mudanças, na qual é condicionada por fatores sociais, econômicos, culturais, étnico-raciais, psicológicos e comportamentais (BEZERRA, 2019).

O AM tem relação direta com o intuito de promover a qualidade física e a saúde emocional para a mãe durante o puerpério, lactação e toda a sua vida futura. De acordo com estudos epidemiológicos, mulheres lactantes buscam cuidados médicos com menos frequência em comparação com mulheres que não amamentaram apresentam também uma menor ocorrência de doenças cardiocirculatórias e gastrointestinais, e psicologicamente desenvolvem menos sintomas relacionados a problemas emocionais (SOUZA, 2018).

O ato de amamentar, além de ser importante para o bebê, família e sociedade é relevante para a saúde da mulher, gerando sentimentos de interação e bem estar, sendo também relatado como benéfico na diminuição da dor causada pelo ingurgitamento mamário, sentimento de alívio, segurança e diminuição da ansiedade desenvolvida ao longo da gestação (SOUZA, 2021).

Em vista desse bem estar físico e emocional, o ato de ficarem em contato pele a pele apresenta resultados positivos neste compartilhamento de afeto, apego, vínculo sentimental, como conforto e tranquilidade para ambos. Isso gera uma maior atenção da mãe neste momento de prazer diminuindo suas ansiedades e desconfortos (SOUZA, 2021).

De acordo com Menezes (2018) um dos benefícios mais importantes são as alterações após o parto, pois, o ato de sucção da criança desencadeia reações hormonais, mais especificamente da ocitocina, com capacidade de contrair o útero, diminuindo o sangramento e possibilitando a volta da forma inicial de seu volume mais rapidamente.

De acordo com o Instituto Nacional de Câncer (INCA, 2020), o gênero feminino é o mais acometido pela doença, e os evidenciados com os maiores índices, foram o câncer de mama, colón e reto e colo do útero. No entanto, nos últimos anos, foram desenvolvidos muitos estudos epidemiológicos sobre a relação do aleitamento materno e redução da ocorrência de cânceres na mulher futuramente. (SOUZA, 2021).

Segundo Menezes (2018) um estudo relacionado com o AM e a proteção contra o câncer de mama relata que pode ocorrer redução de dois terços nos casos da doença. Outro dado em relação ao risco relativo de ter câncer, o qual mostrou redução de 4,3% a cada 12 meses de duração da amamentação e estimou-se que a incidência de cânceres de mama nos países desenvolvidos seria reduzida a mais da metade (de 6,3 para 2,7%) se as mulheres amamentassem por mais tempo.

No estudo de revisão de Ribeiro (2021), referente ao câncer de ovário foi analisado um total de 5 estudos de coorte e 35 estudos de caso-controle, incluindo 17.139 mulheres com este tipo de câncer, os achados foram que, nas mulheres que amamentaram houve uma redução de 30% no risco de desenvolver esse tipo de câncer em comparação com aquelas que nunca o fizeram. Ou seja, a amamentação foi inversamente associada ao risco de câncer de ovário, especialmente quando a duração da amamentação foi a longo prazo, demonstrando um efeito protetor relevante.

Em outro estudo, Ribeiro (2021) demonstra o papel protetor da amamentação contra a osteoporose. Por meio de uma revisão sistemática englobando estudos de coorte prospectiva, casos controles retrospectivos e estudos transversais, com 9.704 mulheres no Irã, observou-se que existe uma alta perda de cálcio, tanto na gravidez quanto na lactação. Sendo que na gravidez 2-3% de cálcio é transferido para o feto e na lactação 300-400 mg de cálcio por dia são fornecidos para o leite materno.

Alguns estudos desta revisão mostraram que o metabolismo ósseo é maior em mães lactantes com o período de amamentação do que as mães não lactantes. Isto é, a gravidez pode levar à perda óssea, mas se seguida pela lactação, terá efeito protetor sobre os ossos e densidade óssea, enquanto a duração da lactação e paridade pode modular seu efeito de forma positiva (RIBEIRO, 2021).

Outro ponto positivo para a mulher é a utilização do ato de amamentar como prática contraceptiva, visto que, durante a lactação, o estímulo da sucção e o aumento da

prolactina levam à inibição do hormônio gonadotrófico e à interrupção do processo de ovulação. Esse é considerado um bom método de planejamento familiar que deve ser executado durante aleitamento materno exclusivo em sistema de livre demanda nos seis primeiros meses após o parto. No entanto, algumas condições devem ser consideradas, como: o não surgimento da menstruação, a mulher deve estar nos primeiro seis meses após o parto e estar amamentando exclusivamente do leite natural ou quase exclusivamente (SOUZA, 2018).

De acordo com Santos (2021) mulheres que amamentam recuperam mais rapidamente o peso que possuíam antes da gravidez. Isso se dá, pelo fato do organismo começar a retirar aquela reserva acumulada no período gestacional para fabricar o leite materno. Sendo assim quanto mais o bebê consumir o leite de origem materna mais calorias serão gastas da mãe. Importante salientar que a perda de peso das mulheres lactentes em amamentação exclusiva, não interfere no crescimento dos bebês (SOUZA, 2018).

Para Ribeiro (2021) existem alguns estudos que revelam que a amamentação está associada ao metabolismo materno, visto que a longo prazo as gestantes podem ter um risco aumentado para doenças metabólicas. Com isso em um estudo observacional, com 809 mulheres latinas, onde, 522 apresentaram diagnóstico de diabetes gestacional no período entre seis e nove semanas após o parto, observaram-se valores reduzidos de níveis de glicose nas mães que amamentavam no seio em relação com as que alimentavam seus bebês com fórmulas (média de 5mg/dl).

Assim como diversos estudos comprovam o efeito benéfico da amamentação sobre a prevenção do diabetes na mulher. De acordo com um estudo prospectivo com metanálise, verificou-se num total de 220.360 mulheres, um índice 3,66% com diagnóstico de diabetes tipo 2, incluindo os países da Alemanha, EUA, China. Observou-se que a amamentação é um fator positivo e teve uma associação inversa com o risco de diabetes tipo 2, ficando evidente que mulheres que já amamentaram correram menor risco do que mulheres que nunca amamentaram, e quanto maior o tempo de amamentação maior o índice de proteção contra o Diabetes (RIBEIRO, 2021).

6.4 Recomendações do aleitamento materno e pandemia COVID- 19

De acordo com a OMS, a partir de março de 2020, foi declarada perante uma visão mundial, a pandemia do coronavírus (COVID-19), sendo caracterizada por desencadear sintomas de infecção pulmonar, como febre, tosse seca, na forma leve e dificuldade respiratória grave em condições clínicas mais agravadas (DANTAS, 2020).

Nesse cenário, mesmo que a maioria das pessoas com COVID-19 sejam acometidas pela doença na forma leve, sem complicações, algumas apresentam intercorrências desenvolvendo a forma grave. A população com maior probabilidade de desfechos negativos é de idosos, doentes crônicos e imunossuprimidos. No entanto, devido as possíveis complicações da síndrome gripal, gestantes em qualquer idade gestacional, puérperas até duas semanas após o parto (incluindo aborto ou perda fetal) e crianças menores 5 anos também foram incluídos nos grupos de risco (CARDOSO, 2021).

De acordo com Dantas (2020), a preocupação com as gestantes, mães e bebês é justificada pela suscetibilidade a patógenos respiratórios e pneumonia grave, devido a um estado imunossupressor e fisiológico de alterações adaptativas durante a gravidez e sistema imune imaturo do bebê. Por isso, dá-se uma atenção especial a esses grupos mesmo que ainda esteja pouco evidenciada na literatura a relação do comportamento da COVID-19 com o organismo do binômio mãe/feto, assim como durante o período da amamentação.

Nos estudos existentes, há algumas recomendações referentes à assistência durante as fases da gravidez. Em relação à assistência ao parto em face da infecção por SARS-CoV-2, as indicações em casos de gravidez de risco habitual envolvem o estado clínico materno, o bem-estar fetal; a idade gestacional; a autonomia materna. Sempre mantendo a segurança no quadro clínico do binômio materno-fetal. Em casos de gestação de alto risco, presta-se atenção de forma individualizada, com base nas comorbidades subjacentes (pré- eclâmpsia, diabetes gestacional, cardiopatias, entre outras causas obstétricas), na história obstétrica; além dos fatores comumente relacionados à gestação de risco habitual (MASCARENHAS, 2020).

Justamente, devido à imprevisibilidade clínica da doença entre gestantes, acredita-se que a infecção por COVID-19, neste ciclo da vida, possa levar a evolução

clínica e desfecho obstétrico desfavoráveis, causando sofrimento fetal, aborto espontâneo, dificuldade respiratória, prematuridade e maior necessidade de parto cirúrgico. Então, estas são condições clínicas devem ser vista com grau de atenção maior (CARDOSO, 2021).

Mascarenhas (2020) também aponta as recomendações quanto à via de parto, onde existem muitos estudos relatando que não existe contraindicação de parto vaginal se a avaliação clínica e obstétrica for favorável. Mas, recomenda-se maior vigilância materna e fetal, e é contraindicado parto na água devido à chance de eliminação fecal materna e contaminação da água e, por consequência, maior risco de contaminação do RN. A via cesariana deve ser indicada quando houver situações de instabilidade clínica ou obstétrica, além de alteração da vitalidade fetal.

Entretanto, deve-se ter atenção para as novas evidências, na qual, alertam para a possibilidade de transmissão vertical durante o parto. Um estudo realizado na China, com 33 recém-nascidos de mães com COVID-19, identificou teste positivo para a doença em 3 neonatos. Os sintomas clínicos dos RNs apresentaram-se leves e os resultados favoráveis. Logo, prioriza-se rigoroso controle de infecção e procedimentos de prevenção implementados durante o parto, preparar e seguir as recomendações de biossegurança, priorizar equipe mínima de profissionais essenciais para o atendimento, seguindo rigorosamente as medidas de higienização e paramentação, com utilização de máscaras cirúrgicas ou N95 para as parturientes, e de preferência limitar a presença de um único acompanhante para todo processo de trabalho de parto, parto e pós-parto (CARDOSO, 2021).

O MS recomenda em casos confirmados para a infecção por SARS-CoV-2 que as gestantes e puérperas com sintomas de síndrome gripal devem ter atendimento prioritário na Unidade de Saúde da Família (USF). Quando possível, as gestantes sintomáticas deverão ter suas consultas e exames de rotina adiados em 14 dias; ou então serão atendidas em ambiente isolado. Os procedimentos adiados deverão ser remarcados em tempo hábil de modo que não haja prejuízo ao seguimento do pré-natal (CARDOSO, 2021).

Por isso, as orientações neste período em relação os cuidados em saúde devem ser um diferencial que contribui para uma atenção humanizada e integral. Por meio da realização de ações em saúde que abordam sobre os cuidados com a gestante e recém-

nascido, além de incentivar a amamentação, são essenciais, pois este ainda é um período de carência de informações e pode repercutir na prática do aleitamento materno exclusivo durante os primeiros seis meses de vida da criança (SILVA, 2021).

Em um recente estudo realizado, após coleta de amostras do líquido amniótico, sangue do cordão umbilical e swab neonatal no nascimento, os resultados mostraram que o vírus foi negativo em todas as amostras, sugerindo que não houve transmissão vertical da COVID-19 durante a fase tardia da gravidez. E os resultados com as amostras do leite materno das mães também estavam livres de SARS-Cov-2, então as recomendações sobre o contato mãe-bebê e aleitamento devem ser difundidas, pois há mais riscos à saúde do bebê por falta da amamentação do que a probabilidade de transmissão da COVID-19, por meio do leite materno de uma mãe infectada (OPAS, 2020).

OMS também corrobora com os achados científicos de que os benefícios da continuidade da amamentação em tempos de COVID-19 são superiores aos riscos, sendo, portanto o aleitamento materno recomendado, desde que as mulheres que desejam amamentar realizem a higiene respiratória, lavagem das mãos antes e depois de tocar no recém-nascido, e a desinfecção do ambiente sempre que houver contato. Recomenda-se ainda o uso obrigatório de máscara durante a amamentação e em todas as mamadas, sendo substituída em casos de tosse ou espirro (SILVA, 2021).

Quanto às práticas de aleitamento materno, as recomendações atuais do o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), preconizam que o aleitamento materno deve ser continuado por nutrizes sintomáticas diagnosticadas com COVID-19, devido aos benefícios e o papel insignificante na transmissão de outros vírus respiratórios pelo leite. Contudo, medidas de precaução devem ser tomadas pelas mães (DANTAS, 2020).

No estudo observacional prospectivo, realizado por Bertino e colaboradores (2020), foram coletadas de 14 mães lactantes positivas para SARS-CoV-2 amostras de leite humano. A pesquisa de RNA viral em amostras de leite materno foi realizada pela metodologia RT-PCR testada para leite humano. Das 14 amostras de leite, 13 estavam negativas e 13 dos 14 recém-nascidos foram amamentados exclusivamente e acompanhados de perto no primeiro mês de vida. Desses recém-nascidos, apenas quatro tiveram resultado positivo para SARS-CoV-2 e todos foram detectados nas primeiras 48 horas de vida, após o início dos sintomas maternos. Além disso, o curso clínico desses 4

bebês, incluindo aquele que recebeu leite materno positivo para SARS-CoV-2, transcorreu sem intercorrências, e todos eles tornaram-se SARS-CoV-2 negativos dentro de 6 semanas de vida. De acordo com os autores mães positivas não expõem seus recém-nascidos a um risco adicional de infecção pela amamentação.

Dentre as principais recomendações que devem ser transmitidas à população para evitar a disseminação do vírus através de gotículas respiratórias, estão à realização da lavagem das mãos com água e sabão no mínimo 20 segundos antes e depois de tocar o bebê; realizar higienização das mamas antes e após cada mamada; fazer uso de máscara (cobrindo nariz e boca) durante a amamentação e evitar falar, tossir ou espirrar nesse momento; deve-se trocar imediatamente a máscara em caso de espirro ou tosse e em cada mamada; não permitir que o bebê toque o rosto da mãe; em caso de mães suspeitas ou confirmadas de COVID19, todos os cuidados com o bebê devem ser realizados por outra pessoa que não tenha sintomas, que não seja suspeita ou confirmada; utilizar luvas cirúrgicas ou descartáveis na troca de fraldas (SANTOS, 2021).

A OMS e o UNICEF orientam que mães com suspeita ou confirmação de infecção por COVID-19, sintomáticas em bom estado de saúde e àquelas em contato pele a pele, amamentem seus filhos, na 1ª hora de nascimento ou tão precocemente possível; respeitando os cuidados higiênicos preestabelecidos, incluindo além dos supracitados, a desinfecção rotineira das superfícies em que a mãe sintomática entrou em contato. Também recomendam que mães doentes e limitadas para amamentar sejam incentivadas à extração do leite para a oferta ao bebê, com medidas de segurança de prevenção e controle de infecção por COVID-19 (CARDOSO, 2021).

Ainda de acordo com Cardoso (2021) no Brasil, o MS adotou recomendações semelhantes, também direcionadas pelo posicionamento da OMS, orientando que a amamentação seja mantida caso a mãe e o bebê apresentem caso clínico estável. Se a mãe se sinta insegura em amamentar diretamente seu filho, que realize a ordenha manual do seu leite para que alguém saudável ofereça ao bebê. E a mãe deverá fazer uso obrigatório de máscara cirúrgica durante a amamentação, além de seguir todos os cuidados com a higiene pessoal.

De acordo com as evidências científicas, o risco de infecção por COVID-19 em bebê é baixo e quando ocorre infecção geralmente é leve ou assintomática, ao passo que

as consequências de não amamentar e separar a mãe da criança podem ser significativas. Neste ponto, parece que a COVID-19 em bebês e crianças representa uma ameaça bem menor à sobrevivência e saúde do que outras infecções, contra as quais o aleitamento materno protege (OPAS, 2020).

Mesmo que ainda não existam informações claras sobre a presença de anticorpos específicos para SARS-CoV2 no leite materno, ao se considerar os benefícios do leite materno para o sistema imunológico, crescimento e desenvolvimento infantil, manter a amamentação sob os cuidados higiênicos estabelecidos torna-se a ação mais prudente no contexto da promoção da saúde materno-infantil (CARDOSO, 2021).

Outra forma de preservar a amamentação é por meio da extração do leite humano, visando aumentar a oferta por doação a RBLH. O banco de leite brasileiro é uma referência, e durante a pandemia é necessário a realização de forma segura para se extrair o leite materno de mães contaminadas ou com suspeita de COVID-19, com higienização/esterilização adequada de bombas manuais ou elétricas e utensílios manuais utilizados no processo de extração, e também das formas de armazenamento e utilização (FERNANDES, 2021).

Como recomendação o MS contraindica a doação de leite por mulheres positivas para COVID-19, ou que estejam apresentando algum sintoma gripal. Apesar da recomendação do MS, ainda é fundamental que a doação seja continuada após o fim do período infeccioso, e que os profissionais que trabalham no banco de leite humano realizem as adaptações necessárias para a continuarem prestando a devida assistência (SILVA, 2021).

É necessário a abordagem e disseminação de novos estudos, visando uma maior compreensão sobre a relação da COVID-19 com o aleitamento materno, a fim de reduzir riscos de contaminação entre o binômio mãe-filho. A educação em saúde acerca da amamentação deve ser garantida, por meio da disseminação de informações seguras, concretas e atuais da literatura de forma objetiva, que auxiliará no incentivo à amamentação e no manejo adequado, segurança e confiança na hora de ofertar o leite, assim como na extração do leite materno para ofertar ao bebê ou doar ao banco de leite (CARDOSO, 2021).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os benefícios do aleitamento materno exclusivo apresentam bases científicas contundentes, sua influencia é positiva para o binômio mãe e filho de forma imediata e a longo prazo, por isso deve ser incentivado durante os primeiros seis meses de vida e prolongado até os dois anos de idade do bebê ou mais. É de extrema importância a participação da família, por meio do apoio à mulher que está amamentando; da sociedade em geral, especialmente dos profissionais de saúde, estudantes, na qual detém conhecimento aprofundado sobre o assunto, e por fim é necessário maior incentivo governamental mediante políticas públicas de promoção, proteção e apoio do aleitamento materno, assim como, prestar assistência as mães, durante o pré-natal e pós-natal. No mais, todas essas ações irão estimular o aumento na divulgação de informações, crescimento nos índices de aleitamento materno no Brasil, e proporcionar mais segurança e confiança para as mães na hora de amamentar, visto que, no contexto pandêmico da COVID-19, surgiram muitas incertezas. Porém, é indicado dar prosseguimento na prática da amamentação a partir das medidas de biossegurança, visto que os benefícios do aleitamento materno superam os riscos advindos da infecção pelo coronavírus.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João Pedro Vilas Boas de; LEMOS, Brenda Letícia Souza; OLIVEIRA, Rosa Maria Araujo de; CARVALHO Flavia Lima de. Aleitamento materno em tempos de Covid-19. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v.4, n.4, p.17791-17801. 2021.

BEZERRA, Ana Emília Meneses; BATISTA, Luiz Henrique Carvalho; SANTOS, Renata Guerda de Araújo. Amamentação: o que pensam as mulheres participantes de um grupo de pré-natal?. **Revista Brasileira de Enfermagem**. 2020. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0338>.

BRAGA, Milayde Serra; GONÇALVES, Monique da Silva; AUGUSTO, Carolina Rocha. Os benefícios do aleitamento materno para o desenvolvimento infantil. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 6, n. 9, p.70250-70260. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Caderno de Atenção à Saúde da Criança Aleitamento Materno. Brasília, 2017. 28 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Guia Alimentar para crianças brasileiras menores de 2 anos. Brasília, 2019. 265 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Primária à Saúde. Nota Técnica Nº 15/2020-COCAM/CGCIVI/DAPES/SAPS/MS de 05 de agosto de 2020. Avaliação de medida para o enfrentamento da situação de emergência em saúde pública no contexto da infecção da COVID-19 causada pelo novo coronavírus (Sars-CoV-2). Disponível em: <http://www.ibfan.org.br/site/wp-content/uploads/2020/04/NOTA-T%C3%89CNICA-N-9-2020-COVID19-AMAMENTACAO-EMERGENCIA.pdf>. Acessado em: 27 de julho de 2020.

CARDOSO, Pollyanna Costa; SOUZA, Taciana Maia de; SANTOS, Luana Caroline do; MENEZES, Laura Rangel Drummond de; ROCHA, Daniela da Silva. A saúde materno-infantil no contexto da pandemia de COVID-19: evidências, recomendações e desafios. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, Recife, 21, p.S221-S228, fev., 2021.

DANTAS, Ana Clara; SANTOS, Wesley dos; NASCIMENTO, Anália Andréia de Araújo; OLIVEIRA Lorryne Alessandra Maia de. REFLETINDO SOBRE O CONTEXTO DA AMAMENTAÇÃO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19. **Enfermagem Foco**, p.236-239. 2020.

GOMES, Patrícia Damião; GUEDES, Gabriella Carvalho. AMAMENTAÇÃO DURANTE O CENÁRIO DE PANDEMIA DO CORONAVÍRUS NO BRASIL. **Revista Científica da Faculdade de Medicina de Campos**. vol. 15.n3. 2020. DOI 10.29184/1980-7813.rcfmc.415.

LIMA, Ana Carolina Maria Araújo Chagas Costa; CHAVES, Anne Fayma Lopes; OLIVEIRA, Mariana Gonçalves de; LIMA, Sabrina Alapenha Ferro Chaves Costa; MACHADO, Márcia Maria Tavares; ORIÁ, Mônica Oliveira Batista. Consultoria em amamentação durante a pandemia COVID-19: relato de experiência. **Escola Anna Nery** 24(spe). 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2020-0350/>.

MARQUES, Victor Guilherme Pereira da Silva; SILVA, Mariana Pereira Barbosa; SILVA, Pedro Igor de Oliveira; ALVES, Rayssa Stéfani Sousa; JESUS, Gledson de Lucas Silva de; SOUZA, Amanda Brito de; SILVA, Adriana Borges Ferreira da; SOUZA Cynthia da Silva, et al. Aleitamento materno: importância e benefícios da amamentação. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 10, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i10.8405>.

MASCARENHAS, Victor Hugo Alves; BECKER, Adriana Caroc; VENÂNCIO, Kelly Cristina Máxima Pereira; BARALDI, Nayara Girardi; DURKIN, Adelaide Caroci; RIESCO, Maria Luiza Gonzalez. Recomendações assistenciais à parturiente, puérpera e recém-nascido durante a pandemia de COVID-19: revisão de escopo. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**. 2020; 28:e3359. Acesso em: 14 de julho de 2021.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rlae/a/Nb7Q4btxr6WpbQDVSTjPGww/?lang=pt&format=pdf>
DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1518-8345.4596.3359>.

PEREIRA, Eduarda Borges; MACIEL, Ana Maria Bernardes; MENDES, Aryanne Targino; CRUZ, Izadora Lopes; COURA, Lucas Bacani de Moraes; COURA, Paulo Eduardo. BENEFÍCIOS DA AMAMENTAÇÃO PARA A SAÚDE DA MULHER E DO BEBÊ. *Jornada Odontológica de Anápolis (JOA), Anápolis-GO*, v. 1, n. 1, p. 107-109, 07 jun. 2019. Disponível em:

<http://anais.unievangelica.edu.br/index.php/joa/article/view/4339/2611>. Acesso em: 15 junho 2021.

RIBEIRO, Juscelene Maria. **Benefícios a longo prazo na saúde da mulher promovidos pelo aleitamento materno: uma revisão narrativa**. Orientadora: Sueli Essado Pereira. 2021. 19 f. TCC (Graduação)- Curso de Nutrição da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Disponível em:

https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1774/1/artigoTCC_II-juscelene-revisado-FINAL.pdf. Acesso em: 16 junho 2021.

SANTOS, Regina Consolação dos; AMARAL, Ronnara Cristina Costa; SANTOS, Edinara; CARVALHO, Thayane Vieira; CORREIA, Thays Lorena Bahia Vieira; COSTA, Claudia Martins da; PENA, Heber Paulino; RODRIGUES, Samuel Barroso; ANDRADE, Silmara Nunes. Aleitamento materno exclusivo em tempos de pandemia da COVID-19: revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v.10, n.3, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i3.13167>.

SILVA, Denysario Itamyra Soares; BARBOSA, Agla de Lourdes de Oliveira; SANTANA, Alicia Lins; SANTOS, Rebeca Viviane Cordeiro dos; SOUZA, Vitoria Clara Gomes Brito de; FARIAS, João Victor Cordeiro; FARIAS, Isabela Cristina Cordeiro. A importância do aleitamento materno na imunidade do recém-nascido.

Research, Society and Development, v. 9, n. 7. 2020. DOI:

<http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i7.4629>.

SILVA Bianca Sthefany ; Chaves, Karoline Soares; Januário, Gabriela da Cunha.; Baquião, Larissa Sales Martins; Gomes, André Tadeu; Morceli, Glilciane; A amamentação em tempos da COVID-19: uma revisão narrativa. **Revista Nursing**, 2021. DOI: <https://doi.org/10.36489/nursing.2021v24i277p5793-5802>

SOUZA, Beatriz Gravina de. ALEITAMENTO MATERNO: vantagens para a mãe e para o bebê e os porquês do desmame precoce. Orientadora: Gladma Rejane Ramos Araújo da Silveira. 2018. 27 f.TCC. . (Graduação)- Curso de Nutrição da Faculdade de Ciências Gerenciais de Manhuaçu, 2018. Acesso em: 14 de julho de 2021.

TACLA, Mauren Teresa Grubisich Mendes; ROSSETTO, Edilaine Giovanini; PERDIGÃO, Geisa Marcela; ZANI, Edrian Maruyama; SILVA, Isabella Vicente da. Reflexões sobre o aleitamento materno em tempos de pandemia por COVID-19. 9 Revista da Sociedade Brasileira de Enfermagem e Pediatria. 2020; 20(Especial COVID-19):60-76. DOI: <http://dx.doi.org/10.31508/1676-3793202000000127>.